

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

O corpo impossível: biopolítica, redes digitais e a produção histórica da normalidade em narrativas de mulheres com deficiência no Brasil contemporâneo

Amanda Azevedo

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16191>

Submetido em: 2026-05-20

Postado em: 2026-07-03 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

O corpo impossível: Biopolítica, redes digitais e a produção histórica da normalidade em narrativas de mulheres com deficiência no Brasil contemporâneo

Cuerpo imposible: Mujeres con discapacidad, visibilidad digital y normalización algorítmica en el brasil contemporáneo

The Impossible Body: Biopolitics, Digital Networks, and the Historical Production of Normality in Narratives of Women with Disabilities in Contemporary Brazil

Amanda de Cassia Azevedo da Silva

UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2012-4401>

RESUMO

O artigo analisa como narrativas digitais produzidas por mulheres com deficiência física no Brasil participam da produção e do tensionamento dos regimes contemporâneos de normalização corporal. Situada no campo da História do Tempo Presente e da História Digital, a pesquisa adota abordagem qualitativa de inspiração histórico-discursiva, articulando contribuições da biopolítica foucaultiana, dos estudos feministas, da teoria *crip* e das discussões sobre plataformas digitais e visibilidade algorítmica. O corpus documental é composto por 26 perfis e blogs produzidos entre 2010 e 2025, analisados a partir de regularidades discursivas relacionadas à autonomia, sexualidade, reconhecimento social, estética corporal e performance digital. Os resultados evidenciam que as plataformas digitais não operam como espaços neutros de expressão, mas como dispositivos que reorganizam critérios contemporâneos de inteligibilidade e reconhecimento corporal. Identificaram-se quatro regimes discursivos predominantes: a produtividade como condição de legitimidade social; a sexualidade como disputa por inteligibilidade; as economias morais da visibilidade afetiva; e os processos de normalização estética da deficiência. A partir dessas dinâmicas, propõe-se a categoria analítica do corpo impossível, entendida como expressão das exigências contraditórias impostas às mulheres com deficiência nos ambientes digitais contemporâneos. Conclui-se que a ampliação da visibilidade pública da deficiência não representa o desaparecimento das normas capacitistas, mas sua reorganização em circuitos de hiperexposição regulada, nos quais reconhecimento, desejo, produtividade e adequação estética tornam-se permanentemente negociados.

Palavras-chave: Mulheres com deficiência, Biopolítica, Teoria *crip*, Plataformas digitais, Normalidade, História do Tempo Presente

RESUMEN

El artículo analiza cómo las narrativas digitales producidas por mujeres con discapacidad física en Brasil participan en la producción y tensión de los regímenes contemporáneos de normalización corporal. Situada en el campo de la Historia del Tiempo Presente y de la Historia Digital, la investigación adopta un enfoque cualitativo de inspiración histórico-discursiva, articulando contribuciones de la biopolítica foucaultiana, de los estudios feministas, de la teoría *crip* y de las discusiones sobre plataformas digitales y visibilidad algorítmica. El corpus documental está compuesto por 26 perfiles y blogs producidos entre 2010 y 2025, analizados a partir de regularidades discursivas relacionadas con autonomía, sexualidad, reconocimiento social, estética corporal y performance digital. Los resultados evidencian que las plataformas digitales no operan como espacios neutros de expresión, sino como dispositivos que reorganizan criterios contemporáneos de inteligibilidad y reconocimiento corporal. Se identificaron cuatro regímenes discursivos predominantes: la productividad como condición de legitimidad social; la sexualidad como disputa por inteligibilidad; las economías morales de la visibilidad afectiva; y los procesos de normalización estética de la discapacidad. A partir de estas dinámicas, se propone la categoría analítica del cuerpo imposible, entendida como expresión de las exigencias contradictorias impuestas a las mujeres con discapacidad en los entornos digitales contemporáneos. Se concluye que la ampliación de la visibilidad pública de la discapacidad no representa la desaparición de las normas capacitistas, sino su reorganización en circuitos de hipereposición regulada, en los cuales reconocimiento, deseo, productividad y adecuación estética se vuelven permanentemente negociados.

Palabras clave: Mujeres con discapacidad; Biopolítica; Teoría *crip*; Plataformas digitales; Normalidad; Historia del Tiempo Presente.

ABSTRACT

This article analyzes how digital narratives produced by women with physical disabilities in Brazil participate in the production and contestation of contemporary regimes of bodily normalization. Situated within the fields of History of the Present Time and Digital History, the study adopts a qualitative historical-discursive approach, articulating contributions from Foucauldian biopolitics, feminist studies, *crip* theory, and discussions on digital platforms and algorithmic visibility. The documentary corpus consists of 26 profiles and blogs produced between 2010 and 2025, analyzed through discursive regularities related to autonomy, sexuality, social recognition, bodily aesthetics, and digital performance. The findings demonstrate that digital platforms do not function as neutral spaces of expression, but as dispositifs that reorganize contemporary criteria of bodily intelligibility and recognition. Four predominant discursive regimes were identified: productivity as a condition of social legitimacy; sexuality as a dispute over intelligibility; moral economies of affective visibility; and processes of aesthetic normalization of disability. Based on these dynamics, the article proposes the analytical category of the impossible body, understood as the expression of contradictory demands imposed on women with disabilities in contemporary digital environments. The study concludes that the expansion of public visibility of disability does not represent the disappearance of ableist norms, but rather their reorganization within

circuits of regulated hypervisibility in which recognition, desire, productivity, and aesthetic adequacy become permanently negotiated.

Keywords: Women with disabilities, Biopolitics, Crip theory, Digital platforms, Normality, History of the Present Time.

RESUMEN

El artículo analiza cómo las narrativas digitales producidas por mujeres con discapacidad física en Brasil participan en la producción y tensión de los regímenes contemporáneos de normalización corporal. Situada en el campo de la Historia del Tiempo Presente y de la Historia Digital, la investigación adopta un enfoque cualitativo de inspiración histórico-discursiva, articulando contribuciones de la biopolítica foucaultiana, de los estudios feministas, de la teoría *crip* y de las discusiones sobre plataformas digitales y visibilidad algorítmica. El corpus documental está compuesto por 26 perfiles y blogs producidos entre 2010 y 2025, analizados a partir de regularidades discursivas relacionadas con autonomía, sexualidad, reconocimiento social, estética corporal y performance digital. Los resultados evidencian que las plataformas digitales no operan como espacios neutros de expresión, sino como dispositivos que reorganizan criterios contemporáneos de inteligibilidad y reconocimiento corporal. Se identificaron cuatro regímenes discursivos predominantes: la productividad como condición de legitimidad social; la sexualidad como disputa por inteligibilidad; las economías morales de la visibilidad afectiva; y los procesos de normalización estética de la discapacidad. A partir de estas dinámicas, se propone la categoría analítica del cuerpo imposible, entendida como expresión de las exigencias contradictorias impuestas a las mujeres con discapacidad en los entornos digitales contemporáneos. Se concluye que la ampliación de la visibilidad pública de la discapacidad no representa la desaparición de las normas capacitistas, sino su reorganización en circuitos de hiperexposición regulada, en los cuales reconocimiento, deseo, productividad y adecuación estética se vuelven permanentemente negociados.

Palabras clave: discapacidad; mujeres; plataformas digitales; teoría *crip*; biopolítica; Historia del Tiempo Presente.

1. INTRODUÇÃO

Em 2020, no auge da pandemia de Covid-19, a criadora de conteúdo Pequena Lô (@_pequenalo), mulher com acondroplasia, publicou um sketch cômico sobre as dificuldades de alcançar a pia da cozinha. O vídeo tornou-se viral, acumulou milhões de visualizações e a transformou em uma das influenciadoras mais requisitadas do país. No mesmo período, Amanda Soares (@pcdperigosa) publicou uma reflexão sobre desejo sexual e solidão afetiva entre mulheres cadeirantes; a postagem recebeu centenas de comentários de apoio, mas também ataques que a acusavam de “falar de coisas inadequadas”.

Em 2023, Jéssica Paula (@ajessicapaula) celebrou a conquista de ser a primeira mulher paraplégica a escalar o Pão de Açúcar, enquanto relatava, nos bastidores, a pressão permanente por performar narrativas de “superação” capazes de sustentar engajamento, reconhecimento e circulação algorítmica.

Esses episódios, longe de constituírem casos isolados, integram transformações mais amplas nas formas contemporâneas de visibilidade, subjetivação e reconhecimento social. As plataformas digitais deixaram de operar apenas como meios de comunicação e entretenimento para consolidarem-se como espaços centrais de produção narrativa, exposição de si e disputa política.

Conforme observa Paula Sibilia (2016), as culturas digitais contemporâneas deslocaram experiências antes situadas na esfera da intimidade para regimes permanentes de publicização da vida cotidiana, nos quais a exposição do eu passa a integrar dinâmicas econômicas, afetivas e identitárias.

No ecossistema de plataformas como Instagram, YouTube e blogosfera, assiste-se a uma proliferação sem precedentes de escritas de si produzidas por sujeitos historicamente empurrados para as margens dos arquivos oficiais.

Entre esses sujeitos, destacam-se mulheres com deficiência física que passaram a utilizar redes digitais para compartilhar experiências corporais, produzir narrativas autobiográficas e disputar representações historicamente marcadas por silenciamento, infantilização ou invisibilidade social.

Essas materialidades discursivas não constituem meros relatos confessionais ou registros privados da experiência individual, mas fontes digitais nativas atravessados por disputas históricas em torno de visibilidade, reconhecimento e legitimidade corporal.

A emergência dessas narrativas insere-se em transformações mais amplas relacionadas à própria experiência contemporânea do tempo histórico. François Hartog (2013) argumenta que as sociedades atuais passaram a operar sob regimes de historicidade marcados pelo presentismo, nos quais memória, experiência e visibilidade são reorganizadas pela aceleração dos fluxos comunicacionais e pela centralidade do presente contínuo.

Nas plataformas digitais, essa lógica manifesta-se através da atualização permanente de narrativas pessoais, da produção incessante de imagens de si e da necessidade contínua de permanência visível em ecossistemas algorítmicos altamente competitivos.

As plataformas digitais não operam como meios neutros de circulação narrativa. Seus dispositivos algorítmicos condicionam alcance discursivo, reconhecimento e permanência simbólica, interferindo diretamente nas formas contemporâneas de subjetivação.

Nesse contexto, a experiência corporal converte-se continuamente em conteúdo circulável e performativo. Métricas de engajamento, consumo visual e reconhecimento algorítmico passam a interferir diretamente na produção contemporânea da inteligibilidade corporal.

Para compreender a densidade histórica dessas fontes digitais, mobiliza-se o conceito de biopolítica de Michel Foucault (1976; 2008). O filósofo demonstra que, a partir da modernidade, o corpo deixa de constituir apenas realidade biológica para tornar-se alvo privilegiado de dispositivos de poder responsáveis pela gestão da vida, da saúde, da sexualidade e da produtividade populacional.

A governamentalidade biopolítica opera através da produção da norma. A partir dela, estabelecem-se critérios de funcionalidade, utilidade e adequação corporal que organizam distinções entre sujeitos considerados produtivos, inteligíveis e socialmente reconhecidos e aqueles posicionados como insuficientes, desviantes ou patologizados.

Essa grade de inteligibilidade torna-se ainda mais complexa quando tensionada pela teoria da performatividade de gênero de Judith Butler (1990; 2004). Butler (1990; 2004) compreende o sujeito como efeito de matrizes normativas de reconhecimento, nas quais gênero, corpo e identidade dependem da repetição contínua de práticas socialmente legitimadas. Corpos que escapam às normas dominantes de gênero, sexualidade ou capacidade corporal experimentam formas ampliadas de precarização simbólica, tornando-se mais vulneráveis à deslegitimação, à abjeção e à invisibilidade social.

É nesse ponto que a teoria *crip* produz importante deslocamento analítico ao desnaturalizar a deficiência como condição exclusivamente biomédica ou individual.

Rosemarie Garland-Thomson (1997; 2002; 2009) demonstra que a deficiência emerge do encontro entre corpos dissidentes e espaços organizados a partir da pressuposição da capacidade corporal plena como norma invisível da modernidade. A noção de desajuste evidencia precisamente o desencontro produzido quando determinados corpos entram em contato com arquiteturas materiais e simbólicas incapazes de acomodar diferenças corporais.

Robert McRuer (2006), por sua vez, formula a noção de *compulsory able-bodiedness* para demonstrar que a modernidade exige continuamente a produção do corpo deficiente como diferença a ser corrigida, superada ou excepcionalizada.

Alison Kafer (2013) amplia essa discussão ao argumentar que a deficiência não se restringe ao campo da limitação corporal, estando profundamente vinculada às formas pelas quais o futuro é imaginado politicamente.

Determinados corpos permanecem posicionados em zonas ambíguas entre inclusão e exclusão justamente por serem percebidos como incompatíveis com expectativas dominantes de produtividade, autonomia, desejo e sucesso.

No ambiente digital contemporâneo, essas dinâmicas assumem novos contornos. Mulheres com deficiência passam a ocupar espaços ampliados de visibilidade pública ao mesmo tempo em que permanecem submetidas a exigências contínuas de autenticidade, produtividade e performance emocional.

Espera-se que essas narrativas sejam inspiradoras, desejáveis, consumíveis e permanentemente engajáveis dentro das lógicas algorítmicas das plataformas. A exposição do corpo dissidente não elimina regimes históricos de normalização; frequentemente, reorganiza-os sob novas linguagens de consumo, inspiração e reconhecimento.

Diante desse cenário, a questão central que orienta esta investigação consiste em compreender como narrativas digitais produzidas por mulheres com deficiência física participam simultaneamente da reprodução e do tensionamento dos regimes contemporâneos de normalização corporal.

O objetivo do artigo é analisar o papel dessas materialidades discursivas na reconfiguração da norma corporal no ambiente digital brasileiro, discutindo as ambiguidades éticas, estéticas e políticas que emergem dessa visibilidade hipermediada.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A HISTORICIDADE DA NORMA CORPORAL E A PRODUÇÃO BIOPOLÍTICA DA VIDA

A constituição histórica da deficiência não pode ser compreendida como consequência natural de diferenças corporais isoladas, mas como resultado de processos sociais e políticos responsáveis por definir quais corpos serão considerados produtivos, funcionais, desejáveis e plenamente reconhecíveis em determinado contexto histórico.

Nesse sentido, a normalidade corporal não constitui dado biológico estável, mas categoria historicamente produzida por regimes de poder que organizam hierarquias de utilidade, inteligibilidade e legitimidade social.

Michel Foucault (1975; 1976; 2008) demonstra que, a partir da modernidade, o corpo passa a ocupar posição central nas tecnologias políticas de gestão da vida. O desenvolvimento das sociedades disciplinares desloca o exercício do poder da lógica soberana centrada na

punição para mecanismos contínuos de vigilância, classificação e normalização dos indivíduos.

Hospitais, escolas, quartéis, fábricas e instituições médicas tornam-se espaços fundamentais de produção de corpos úteis, economicamente integráveis e socialmente ajustados.

Nesse contexto, a deficiência deixa de ser percebida exclusivamente como diferença corporal para converter-se em objeto privilegiado de intervenção médica, institucional e moral.

O corpo dissidente emerge como problema administrativo, econômico e político a ser corrigido, reabilitado ou normalizado. A biopolítica opera precisamente através dessa gestão diferencial da vida, estabelecendo critérios de funcionalidade capazes de distinguir corpos reconhecidos como produtivos daqueles posicionados como dependentes, desviantes ou socialmente insuficientes.

Georges Canguilhem (2009) aprofunda essa discussão ao demonstrar que o normal e o patológico não constituem categorias naturais ou universais, mas construções históricas produzidas em contextos científicos e sociais específicos.

A norma não descreve simplesmente a realidade biológica; ela produz parâmetros de aceitabilidade a partir dos quais determinados corpos passam a ser percebidos como adequados ou inadequados.

Assim, a deficiência não pode ser compreendida apenas como condição orgânica individual, mas como efeito das relações históricas entre corpo, produtividade e expectativas sociais de funcionalidade.

Robert Castel (1998) contribui para essa análise ao evidenciar que os processos modernos de exclusão social não operam apenas através da marginalização econômica, mas também mediante mecanismos graduais de desafiliação institucional.

A inserção ou exclusão dos sujeitos depende de sua capacidade de responder às exigências contemporâneas de autonomia, produtividade e autogerenciamento. Em sociedades organizadas pela valorização contínua do desempenho individual, corpos considerados improdutivos ou insuficientemente adaptáveis tornam-se mais vulneráveis à precarização social.

A produção histórica da norma corporal articula-se, portanto, à constituição de formas diferenciadas de reconhecimento social. Não se trata apenas de administrar corpos já existentes, mas de produzir continuamente critérios que definem quais experiências corporais poderão adquirir inteligibilidade, proteção e reconhecimento público.

Essa lógica não desaparece nas sociedades digitais; ao contrário, reorganiza-se através de novas tecnologias de visibilidade, circulação e performance algorítmica.

2.2 GÊNERO, INTELIGIBILIDADE E RECONHECIMENTO SOCIAL

A historicidade da norma corporal torna-se ainda mais complexa quando articulada às relações entre gênero, reconhecimento e inteligibilidade social. Judith Butler (1990; 2004) argumenta que o sujeito não existe previamente às normas que organizam a vida coletiva. O reconhecimento social depende da incorporação reiterada de matrizes normativas que tornam determinados corpos legíveis, inteligíveis e socialmente aceitáveis.

Nesse sentido, gênero não constitui essência natural ou identidade fixa, mas efeito performativo produzido pela repetição contínua de práticas socialmente legitimadas. Corpos que escapam às expectativas dominantes de feminilidade, sexualidade ou capacidade física passam a ocupar zonas ampliadas de precarização simbólica, tornando-se mais vulneráveis à invisibilidade, à suspeição moral e à exclusão social.

A contribuição de Butler (1990;2004) torna-se particularmente relevante para os estudos da deficiência porque permite compreender que o corpo dissidente não é apenas biologicamente diferente, mas politicamente produzido como experiência parcialmente inteligível.

Mulheres com deficiência frequentemente ocupam posições ambíguas nos regimes de reconhecimento: ora infantilizadas, ora erotizadas, ora transformadas em exemplos excepcionais de superação. Em todos esses casos, a inteligibilidade corporal permanece condicionada à negociação constante com normas sociais de feminilidade, autonomia e desejabilidade.

Stuart Hall (1997) amplia essa discussão ao demonstrar que representação não significa mero reflexo da realidade social, mas prática cultural produtora de significados, identidades e formas de pertencimento coletivo.

Os sistemas de representação organizam aquilo que poderá ser percebido como normal, legítimo ou socialmente aceitável em determinado contexto histórico. A visibilidade não constitui experiência neutra; ela é atravessada por disputas simbólicas responsáveis por definir quais sujeitos poderão ocupar posições reconhecíveis na esfera pública.

No caso das mulheres com deficiência, essas disputas tornam-se particularmente intensas nas plataformas digitais. As redes sociais operam simultaneamente como espaços de

ampliação da presença pública e como ambientes profundamente regulados por expectativas de performance emocional, consumo visual e adequação estética.

A visibilidade passa a depender não apenas da exposição do corpo, mas da capacidade de produzir narrativas compatíveis com os regimes de reconhecimento social.

A inteligibilidade corporal, portanto, não se reduz à possibilidade abstrata de ser visto.

Ela envolve condições historicamente situadas de reconhecimento social, desejo, legitimidade e pertencimento simbólico. Corpos dissidentes tornam-se continuamente interpelados por exigências contraditórias de autenticidade, produtividade, estabilidade emocional e adequação estética para permanecerem reconhecíveis no espaço público digital.

2.3 DEFICIÊNCIA, TEORIA *CRIP* E DISSIDÊNCIA CORPORAL

A crítica aos regimes modernos de normalização corporal adquire novos contornos a partir dos estudos da deficiência e da teoria *crip*. Em oposição às perspectivas estritamente biomédicas, esses campos compreendem a deficiência como fenômeno social, político e relacional, produzido historicamente pelas interações entre corpo, ambiente, linguagem e estruturas institucionais.

Rosemarie Garland-Thomson (1997; 2002; 2009) demonstra que a deficiência emerge do encontro entre corpos dissidentes e espaços organizados a partir da pressuposição da capacidade corporal plena como norma invisível da modernidade.

Seu conceito de desencaixe corporal evidencia o modo como determinadas corporalidades são produzidas como inadequadas diante de arquiteturas materiais e simbólicas organizadas a partir de parâmetros normativos de funcionalidade.

Robert McRuer (2006), ao formular o conceito de *compulsory able-bodiedness*, argumenta que a sociedade contemporânea exige continuamente a reafirmação da capacidade corporal plena como padrão compulsório de existência legítima.

A deficiência passa a ocupar o lugar do desvio que deve ser corrigido, tolerado ou excepcionalizado. Essa lógica aproxima-se da heterossexualidade compulsória descrita pelos estudos feministas e *queer*, evidenciando que normas corporais e sexuais operam através de mecanismos semelhantes de regulação social.

A teoria *crip* desloca o foco analítico da limitação corporal para os processos históricos responsáveis pela produção da normalidade.

Alison Kafer (2013) argumenta que a deficiência não pode ser pensada exclusivamente como experiência médica ou individual, mas como categoria profundamente vinculada às formas pelas quais o futuro é imaginado socialmente.

Determinados corpos permanecem situados em zonas ambíguas de pertencimento justamente por serem percebidos como incompatíveis com expectativas de produtividade, autonomia e sucesso.

No contexto brasileiro, Debora Diniz (2007) contribui para essa discussão ao demonstrar que a deficiência constitui experiência social atravessada por desigualdades econômicas, barreiras institucionais e regimes diferenciados de reconhecimento.

A autora critica narrativas capacitistas que transformam sujeitos com deficiência em exemplos morais de superação individual, ocultando as estruturas sociais responsáveis pela produção da exclusão.

Anahi Guedes de Mello (2016) amplia essa crítica ao discutir o capacitismo como sistema estrutural de hierarquização da vida social. O capacitismo não se limita ao preconceito individual contra pessoas com deficiência; trata-se de racionalidade normativa que organiza expectativas de valor, autonomia e funcionalidade corporal.

Essas contribuições permitem compreender que a deficiência não ocupa exterioridade em relação às normas sociais. Ela é continuamente produzida no interior dos próprios regimes históricos de normalização, funcionando como categoria central para compreender os mecanismos de reconhecimento e exclusão corporal.

2.4 PLATAFORMAS DIGITAIS, VISIBILIDADE E NORMALIZAÇÃO ALGORÍTMICA

As transformações das tecnologias digitais reorganizaram profundamente as formas de exposição de si, reconhecimento público e circulação narrativa. A consolidação de plataformas como *Instagram*, *YouTube* e *TikTok* alterou significativamente as dinâmicas de produção da presença social.

Narrativas antes restritas a espaços privados ou comunitários passaram a integrar circuitos permanentes de exposição pública, engajamento e consumo visual.

As plataformas digitais não operam apenas como meios técnicos de comunicação, mas como dispositivos que condicionam modos de subjetivação, visibilidade e reconhecimento.

Paula Sibilia (2016) argumenta que as culturas digitais deslocaram experiências antes situadas na esfera privada para regimes contínuos de publicização da intimidade. A exposição

de si passa a integrar economias afetivas e visuais estruturadas pela necessidade permanente de reconhecimento público.

A experiência cotidiana converte-se progressivamente em narrativa circulável, imagem compartilhável e performance visível.

Esse processo intensifica-se nas plataformas orientadas por dinâmicas algorítmicas de engajamento. A visibilidade deixa de depender exclusivamente do acesso formal à esfera pública e passa a ser condicionada por métricas de circulação, permanência e consumo visual.

Narrativas corporais tornam-se continuamente moduladas pelas expectativas de alcance, compartilhamento e reconhecimento produzidas pelas próprias arquiteturas técnicas das plataformas.

Byung-Chul Han (2018) observa que as sociedades atuais deslocaram formas clássicas de disciplina para regimes mais difusos de autoexploração e desempenho permanente.

O sujeito internaliza exigências contínuas de produtividade, positividade e otimização de si. Nas redes digitais, essa lógica manifesta-se através da necessidade constante de atualização da própria presença pública, transformando o corpo em espaço contínuo de gerenciamento visual e emocional.

A plataformização da vida social reorganiza também os regimes de normalização corporal. Mulheres com deficiência passam a ocupar espaços ampliados de visibilidade, mas essa inclusão frequentemente permanece condicionada à capacidade de produzir narrativas compatíveis com as dinâmicas algorítmicas de reconhecimento.

Espera-se autenticidade e inspiração. Ao mesmo tempo, exige-se produtividade, estabilidade emocional e adequação estética como condições de permanência visível.

Nesse contexto, a deficiência deixa de ocupar exclusivamente o espaço da invisibilidade histórica para ingressar em circuitos complexos de hiperexposição regulada.

O corpo dissidente torna-se visível, mas sob condições específicas de inteligibilidade impostas pelas economias contemporâneas da atenção e do consumo visual.

É precisamente nesse ponto que emerge a categoria do corpo impossível, proposta neste artigo. A categoria busca compreender como as plataformas digitais produzem exigências simultaneamente contraditórias sobre mulheres com deficiência: ser autônoma, desejável, inspiradora, produtiva, emocionalmente equilibrada e continuamente adaptável às normas visuais e afetivas do ambiente digital.

O corpo impossível expressa, assim, a tensão permanente entre reconhecimento público e normalização corporal que organiza as experiências da deficiência nas plataformas digitais.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo de abordagem histórico-discursiva, situado metodologicamente no campo da História do Tempo Presente e da História Digital.

Parte-se da compreensão de que plataformas digitais não constituem espaços neutros de circulação comunicacional, mas ecossistemas sociotécnicos atravessados por relações de poder, regimes de visibilidade e dinâmicas algorítmicas que interferem diretamente na produção contemporânea das formas de subjetivação, reconhecimento e inteligibilidade corporal.

O corpus documental é composto por 26 perfis e *blogs* geridos por mulheres com deficiência física no Brasil, cujas publicações, legendas, vídeos, imagens e interações foram catalogados e analisados em um arco temporal compreendido entre os anos de 2010 e 2025.

Esse recorte justifica-se por abarcar a transição entre a blogosfera textual de longa duração — marcada por relatos autobiográficos extensos e menor centralidade algorítmica — e a consolidação de plataformas visuais de circulação acelerada, como *Instagram* e *YouTube*, estruturadas por métricas contínuas de engajamento, visibilidade e performance digital.

As materialidades analisadas foram compreendidas não apenas como conteúdos digitais, mas como documentos produzidos originalmente em ambientes digitais, cuja circulação, permanência, alcance e reconhecimento dependem diretamente das arquiteturas técnicas das plataformas.

Nesse contexto, a historicidade do documento digital não se restringe ao conteúdo publicado, envolvendo igualmente condições de visibilidade, temporalidades de circulação, dinâmicas de compartilhamento e formas de interação produzidas pelas próprias interfaces digitais.

A seleção dos sujeitos da pesquisa seguiu os critérios de amostragem intencional propostos por Patton (2002).

Foram adotados três critérios principais de inclusão: (a) presença de deficiência física, motora ou amputação declarada na autodefinição pública da criadora de conteúdo; (b) produção contínua e sistemática de narrativas relacionadas ao corpo, à rotina, ao trabalho, à afetividade ou à militância política; (c) circulação pública relevante dos discursos produzidos, identificada a partir do engajamento, da recorrência midiática e da centralidade dessas narrativas na esfera pública digital brasileira.

Os perfis analisados, seus recortes temporais, vieses narrativos e referenciais analíticos encontram-se sistematizados no Quadro 1, apresentada na seção de resultados.

Do ponto de vista analítico, adota-se uma análise temática discursiva de inspiração histórico-foucaultiana, compreendendo o discurso não apenas como representação da realidade social, mas como prática produtora de regimes de verdade, posições de sujeito e formas historicamente situadas de inteligibilidade corporal.

A análise buscou identificar regularidades discursivas capazes de revelar quais experiências corporais adquirem legitimidade, reconhecimento ou visibilidade nas plataformas digitais brasileiras contemporâneas, bem como os limites impostos às mulheres com deficiência nos atuais regimes de exposição algorítmica.

Três movimentos analíticos orientaram a interpretação do corpus. O primeiro consistiu na identificação das regularidades discursivas que delimitam o campo do dizível sobre deficiência, feminilidade, sexualidade, autonomia e superação nas plataformas digitais entre 2010 e 2025.

O segundo concentrou-se no mapeamento das posições de sujeito mobilizadas pelas influenciadoras. Buscou-se observar de quais lugares sociais e simbólicos essas mulheres tornam-se reconhecíveis publicamente — vítima, heroína *supercrip*, militante, influenciadora aspiracional, especialista em autocuidado ou celebridade estetizada.

O terceiro movimento voltou-se às superfícies de emergência dos discursos, buscando compreender em quais conjunturas históricas, eventos virais, disputas políticas ou momentos de crise determinados enunciados tornam-se mais visíveis, legitimados ou socialmente contestados.

O procedimento técnico envolveu quatro etapas complementares: (a) imersão analítica reiterada no material digital catalogado; (b) observação das recorrências narrativas, deslocamentos discursivos e disputas de sentido presentes nas postagens; (c) organização de eixos interpretativos capazes de agrupar os principais regimes de representação identificados; (d) articulação entre os achados empíricos e os referenciais teóricos mobilizados pela pesquisa.

A análise foi conduzida a partir da compreensão de que narrativas digitais não operam exclusivamente como testemunhos individuais, mas como práticas discursivas atravessadas por tecnologias contemporâneas de visibilidade, performance e normalização.

Assim, os conteúdos analisados foram tratados simultaneamente como documentos históricos do tempo presente e como espaços de disputa em torno das formas contemporâneas de reconhecimento, legitimidade e exposição do corpo dissidente no ambiente digital.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A organização do corpus permitiu identificar regularidades históricas na produção de narrativas digitais sobre deficiência feminina no Brasil contemporâneo. Embora cada trajetória apresente especificidades relacionadas à classe, raça, corporalidade, plataforma e experiência biográfica, foi possível observar a recorrência de determinados regimes discursivos que estruturam formas de reconhecimento, visibilidade e inteligibilidade corporal nas redes digitais.

Com o objetivo de sistematizar essas recorrências, elaborou-se o Quadro 1, que organiza o corpus a partir de quatro dimensões complementares: marco temporal de inserção digital, eixo narrativo predominante, formas de visibilidade mobilizadas e referenciais teóricos capazes de sustentar a análise historiográfica das materialidades observadas.

Mais do que um instrumento descritivo, o quadro funciona como operador analítico do corpus, permitindo visualizar a constituição progressiva de diferentes regimes contemporâneos de representação do corpo dissidente no ambiente digital brasileiro.

A partir dessa sistematização, foi possível identificar quatro grandes eixos de discussão que atravessam o conjunto das narrativas analisadas: a autonomia produtiva como critério de reconhecimento social; a disputa por inteligibilidade afetiva e sexual; as economias morais da visibilidade digital; e os processos contemporâneos de normalização estética do corpo com deficiência.

QUADRO 1. Cronologia e Fundamentação Teórica para Análise Historiográfica do Corpus

Produtora de Conteúdo / Canal	Início da Produção Digital (Marco Temporal)	Viés Narrativo Historiográfico	Autor(a) Científico(a) para Diálogo e Análise
Jéssica Paula (@ajessicapaula)	~2014-2015	Agência, Autonomia e Esporte Radical	Mike Oliver / Debora Diniz (crítica ao <i>supercrip</i>)
Bianca Sessa (@biancasessa)	~2023	Escrita de Si, Gênero e Maternidade Real	Michelle Perrot
Amanda Soares (@pcdperigosa)	~2019-2020	Afetividade, Sexualidade e Corporeidade Dissidente	Robert McRuer (compulsory able-bodiedness)
Lorrayne Carolyne (@lorraynecarolyne_)	~2020	Militância Conceitual e Combate ao Capacitismo	Anahi Guedes de Mello

Stephanie Marques (@stephaniesmarques)	~2020-2021	História do Corpo e Ocupação de Espaços	Michel Foucault
Ana Clara Moniz (@_anaclarabm)	~2018-2019	Intelectualidade, Juventude e Políticas Públicas	Debora Diniz
Nathalia Santos (@nathaliasantos)	~2016	Interseccionalidade: Raça, Gênero e Deficiência	Kimberlé Crenshaw / Lélia Gonzalez
Mariana Torquato	2016	Pioneirismo e Letramento Digital	Anita Lucchesi
Blog iGual	~2010	História do Trabalho e Lei de Cotas	Robert Castel
Blog PcD em Foco	~2015	Arquivo de Imprensa Alternativa	Jürgen Habermas
Pequena Lô (@_pequenalo)	2020	Cultura de Massa e Humor como Ferramenta Política	Mikhail Bakhtin
Paola Antonini (@paola_antonini)	2015	Lifestyle, Estética e Psicologia Positiva	Stuart Hall
Andrea Schwarz (@andreaschwarzoficial)	~2016	Ativismo Corporativo, ESG	Zygmunt Bauman
Cacai Bauer	2016	Neurodivergência na Infância/Juventude	Lev Vygotsky
Kitana Dreams	~2017	Cultura Pop, Arte Drag e Identidade Surda	Oliver Sacks
Cadeira Voadora	2011	Geografia Humana, Espaço Urbano	Henri Lefebvre
Crônicas da Surdez	2010	Identidade Híbrida e Ciborguismo	Donna Haraway
Coletivo Helen Keller	2018	Feminismo com Deficiência	Fabiola Rohden
Ana Paula Oliveira	~2022	Violência Doméstica, Trauma e Estética	Judith Butler
Val Silva	~2019	Regionalismo e Performance Atlética	Pierre Bourdieu
Lais Souza	2014	Corpo Atleta e Tecnologia Assistiva	Georges Canguilhem
Leandrinha Du Art	~2015-2016	Dissidências Sexuais, Intersecção Trans	Paul B. Preciado
Vitória Mesquita	~2019	Sociabilidade Juvenil e Universidade	Boaventura de Sousa Santos
Tabata Contri	~2008-2010	Artes Cênicas e Empregabilidade PCD	Walter Benjamin
Jakeliny Dias	~2020	Ergonomia, Moda e Expressão	Flügel

Identitária			
Manoela Rocha	~2022	Arquitetura Inclusiva e Acessibilidade	Gisela Taschner
Camille Rodrigues	~2014-2015	Performance Paralímpica	Alain Corbin
Verônica Hipólito	~2015	Ativismo e Saúde Pública	Amartya Sen
Maria Paula	~2021	Produção Visual e "Olhar Inverso"	Susan Sontag
Mari Antiquera	~2017	Literatura Autobiográfica e Pacto Autobiográfico	Philippe Lejeune

Fonte: Elaboração própria (2026).

Os regimes discursivos identificados não operam de maneira isolada. Frequentemente, articulam-se e sobrepõem-se nas narrativas analisadas, produzindo formas complexas e, por vezes, contraditórias de reconhecimento público. A análise a seguir discute essas articulações a partir dos principais padrões históricos observados no corpus.

A análise do corpus documental permitiu identificar que a produção da normalidade corporal nas plataformas digitais não ocorre de maneira homogênea ou linear.

Os discursos observados organizam-se a partir de quatro regimes principais de visibilidade e reconhecimento, que operam simultaneamente, por vezes se articulando e, em outros momentos, estabelecendo tensões entre si.

Esses regimes dizem respeito à produtividade, à sexualidade, à visibilidade afetiva e à normalização estética dos corpos femininos com deficiência no ambiente digital contemporâneo.

4.1 AUTONOMIA E PRODUTIVIDADE COMO CRITÉRIOS DE RECONHECIMENTO

O primeiro regime discursivo ancora-se na valorização da independência individual, da autonomia e da performance produtiva.

Nas narrativas de Jéssica Paula (@ajessicapaula) e Andrea Schwarz (@andreaszwarzoficial), a autonomia deixa de aparecer como possibilidade de emancipação para converter-se progressivamente em requisito de legitimidade pública.

Jéssica Paula, ao documentar o feito de tornar-se a primeira mulher paraplégica a escalar o Pão de Açúcar, constrói uma narrativa visual na qual o esforço extremo funciona como demonstração contínua de capacidade.

Andrea Schwarz, por sua vez, mobiliza o discurso da inclusão corporativa articulando deficiência, empreendedorismo e eficiência produtiva.

A observação longitudinal das postagens de Jéssica Paula entre 2021 e 2024 revela uma dinâmica significativa. Nos conteúdos de maior circulação algorítmica, predominam imagens associadas a viagens, palestras, treinos físicos e superação esportiva.

Entretanto, em publicações menos visíveis — especialmente *stories* sem edição ou relatos compartilhados fora do *feed* principal — surgem referências à fadiga, às dores crônicas e à pressão constante por manter uma imagem inspiradora diante do público e das marcas patrocinadoras.

A performance pública da autonomia convive, portanto, com formas silenciosas de desgaste físico e emocional pouco compatíveis com os regimes digitais de visibilidade positiva.

O diálogo com Michel Foucault (1979; 2008) torna-se central nesse contexto. O poder disciplinar opera historicamente na produção de corpos úteis, funcionais e economicamente integrados. Nas plataformas digitais, essa lógica desloca-se para a exigência contínua de produtividade performática.

O corpo com deficiência torna-se socialmente aceitável desde que consiga demonstrar adaptação, eficiência e capacidade de autogerenciamento. A autonomia deixa de constituir apenas direito ou conquista individual para assumir contornos de obrigação moral e performativa.

Debora Diniz (2007), ao discutir a figura do *supercrip*, evidencia precisamente esse deslocamento. Embora a celebração de conquistas individuais possa ampliar visibilidade e reconhecimento, ela também produz padrões normativos de desempenho difíceis de sustentar coletivamente.

O problema não reside na valorização das conquistas de mulheres com deficiência, mas na transformação dessas trajetórias excepcionais em critério implícito de legitimidade social.

4.2 SEXUALIDADE E DISPUTA POR INTELIGIBILIDADE CORPORAL

O segundo regime discursivo organiza-se em torno da sexualidade, da afetividade e da disputa pela inteligibilidade dos corpos dissidentes.

Historicamente infantilizadas ou posicionadas como assexuadas pelo discurso médico e moral, mulheres com deficiência passaram a utilizar plataformas digitais como espaços de reivindicação de desejo, prazer e autonomia afetiva.

As trajetórias de Amanda Soares (@pcdperigosa) e Leandrinha Du Art (@leandrinho00) evidenciam esse movimento. Amanda Soares produz conteúdos centrados em namoro, sexualidade, rejeição e fetichização do corpo cadeirante. Leandrinha Du Art articula deficiência física, dissidência de gênero e performance estética, tensionando simultaneamente normas capacitistas e heterocisnormativas.

A análise longitudinal do perfil de Amanda Soares demonstra uma inflexão importante. As primeiras publicações concentravam-se predominantemente em acessibilidade urbana e direitos sociais.

A centralidade da sexualidade emerge após a viralização de comentários questionando a possibilidade de mulheres cadeirantes manterem relações afetivas e sexuais consideradas “normais”. A partir desse episódio, o perfil passa a abordar explicitamente desejo, intimidade e fetichização, produzindo reações marcadas tanto por reconhecimento quanto por repulsa moral.

Nesse ponto, Robert McRuer (2006) oferece importante chave interpretativa ao discutir a compulsory able-bodiedness. O autor demonstra que a norma da capacidade corporal plena opera de maneira semelhante à heterossexualidade compulsória, produzindo corpos desviantes como experiências parcialmente inteligíveis ou socialmente abjetas.

Ao reivindicarem sexualidade e desejo de forma explícita, Amanda Soares e Leandrinha Du Art deslocam a deficiência do campo da ausência e da tutela para o campo da agência afetiva e da produção legítima de prazer.

4.3 VISIBILIDADE AFETIVA E ECONOMIA MORAL DO RECONHECIMENTO

O terceiro regime discursivo refere-se às formas pelas quais reconhecimento público e visibilidade digital passam a depender de performances afetivas específicas. Nos perfis de Pequena Lô (@_pequenalo) e Cacai Bauer, o acesso à circulação ampliada ocorre prioritariamente através do humor, da leveza e da positividade emocional.

Durante a pandemia de Covid-19, Pequena Lô alcançou grande projeção nacional ao transformar experiências cotidianas relacionadas à deficiência em conteúdo humorístico de ampla circulação. Cacai Bauer, por sua vez, organiza sua presença digital em torno de performances de dança, humor e entretenimento familiar.

A análise das postagens de Pequena Lô entre 2020 e 2024 permite observar uma diferenciação significativa entre conteúdos voltados ao alcance algorítmico e conteúdos mais espontâneos.

Os materiais associados a campanhas publicitárias ou maior circulação pública tendem a privilegiar humor leve, carisma e acessibilidade emocional.

Já conteúdos relacionados à ausência de infraestrutura urbana, dificuldades cotidianas ou críticas institucionais aparecem de maneira mais episódica e frequentemente geram reações negativas de seguidores que interpretam tais manifestações como “excesso de reclamação” ou ruptura da positividade esperada.

Stuart Hall (1997) contribui para compreender esse processo ao demonstrar que a representação não apenas reflete identidades sociais, mas participa ativamente de sua produção cultural.

A visibilidade concedida a determinados corpos dissidentes nas plataformas digitais frequentemente depende da capacidade de transformar sofrimento em narrativa afetivamente consumível. A deficiência torna-se mais aceitável quando mediada por leveza, humor e inspiração.

4.4 ESTÉTICA CORPORAL E INCLUSÃO CONDICIONADA

O quarto regime discursivo articula deficiência, consumo visual e padrões contemporâneos de beleza. Nos perfis de Paola Antonini (@paola_antonini) e Jakeliny Dias (@jakeliny_dias), a inserção pública da deficiência ocorre frequentemente mediada por códigos estéticos compatíveis com padrões hegemônicos de feminilidade, juventude e consumo.

Paola Antonini constrói uma presença digital fortemente vinculada a viagens, moda, publicidade e estilo de vida aspiracional. Sua prótese aparece integrada à composição estética das imagens, frequentemente apresentada como elemento de modernidade, superação e autenticidade visual.

Jakeliny Dias, por outro lado, enfatiza adaptações de vestuário, ergonomia e direito à elegância para mulheres cadeirantes.

A análise das postagens mais curtidas de Paola Antonini entre 2022 e 2024 revela padrões recorrentes de representação. Predominam imagens produzidas em cenários de lazer, turismo e consumo, associadas a marcas de moda e estética corporal. A deficiência

permanece visível, mas integrada a um corpo que atende simultaneamente a padrões de magreza, juventude, feminilidade e branquitude.

Rosemarie Garland-Thomson (2009), ao discutir a política do olhar direcionado ao corpo deficiente, demonstra que a visibilidade da deficiência sempre esteve historicamente associada a reações de estranhamento, piedade ou vigilância.

Nas plataformas digitais, entretanto, a lógica da estetização reorganiza parcialmente esse olhar.

A deficiência passa a ser incorporada às dinâmicas contemporâneas de consumo visual, desde que compatível com padrões amplamente reconhecidos de beleza e desejabilidade social.

4.5 O CORPO IMPOSSÍVEL COMO CATEGORIA HISTÓRICA DO PRESENTE

A articulação desses diferentes regimes discursivos permite identificar a emergência daquilo que este artigo propõe como categoria analítica central: o corpo impossível.

A expressão não designa impossibilidade material de existência dos corpos femininos com deficiência, mas a impossibilidade discursiva de satisfazer simultaneamente todas as exigências produzidas pelos regimes contemporâneos de normalização.

O corpo impossível é interpelado por demandas frequentemente contraditórias. Espera-se que seja produtivo, autônomo e economicamente funcional dentro das dinâmicas contemporâneas de desempenho.

Ao mesmo tempo, deve apresentar-se como desejável, emocionalmente estável e continuamente adaptável às lógicas algorítmicas de visibilidade. Soma-se a isso a exigência de adequação estética aos padrões contemporâneos de consumo visual e feminilidade.

Essa categoria adquire densidade historiográfica quando situada em perspectiva temporal mais ampla. Durante o século XIX, o corpo deficiente foi predominantemente submetido a regimes de segregação institucional, permanecendo associado a asilos, hospícios e espaços de invisibilização social.

No século XX, especialmente no contexto posterior às guerras mundiais, a deficiência passou a ser incorporada às tecnologias de reabilitação médica e adaptação funcional, produzindo formas ampliadas de normalização clínica e trabalhista.

No século XXI digital, entretanto, emerge um novo regime de visibilidade condicionada. O corpo dissidente deixa de ocupar exclusivamente o espaço da exclusão e passa a integrar circuitos ampliados de exposição pública, desde que consiga atender

simultaneamente às exigências de produtividade, desejo, positividade emocional e adequação estética. A inclusão torna-se condicionada à capacidade contínua de autogerenciamento corporal e narrativo.

O corpo impossível não habita o exterior da norma; é continuamente produzido em seu interior como projeto inacabado de adaptação permanente. Trata-se de um corpo submetido a regimes incessantes de gerenciamento de si, performance pública e administração da própria visibilidade para permanecer socialmente reconhecível nos ambientes digitais contemporâneos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou compreender como narrativas digitais produzidas por mulheres com deficiência física no Brasil contemporâneo participam da produção e do tensionamento dos regimes de normalização corporal.

A análise do corpus composto por 26 perfis e *blogs*, no período entre 2010 e 2025, permitiu demonstrar que as plataformas digitais não operam como espaços neutros de circulação de experiências previamente constituídas. Ao contrário, participam ativamente da produção contemporânea das formas de reconhecimento, inteligibilidade e visibilidade corporal, reorganizando critérios sociais de legitimidade no ambiente digital.

A investigação permitiu identificar quatro regimes discursivos predominantes: a autonomia e a produtividade como critérios de reconhecimento social; a sexualidade como disputa por inteligibilidade corporal; as economias morais da visibilidade afetiva; e os processos contemporâneos de normalização estética da deficiência.

A articulação entre esses regimes evidenciou que a ampliação da visibilidade digital não significou o desaparecimento das normas capacitistas, mas sua reconfiguração em novas dinâmicas de exposição algorítmica, reconhecimento público e circulação imagética.

Nesse contexto, propôs-se a categoria analítica do corpo impossível como ferramenta interpretativa para a historiografia do tempo presente. A categoria permitiu compreender como mulheres com deficiência passam a ocupar espaços ampliados de visibilidade sem que isso elimine as exigências contraditórias produzidas pelos regimes contemporâneos de normalização.

Espera-se simultaneamente produtividade, autonomia, desejabilidade, estabilidade emocional e adequação estética como condições de reconhecimento público nas plataformas digitais.

A questão de pesquisa — compreender como narrativas digitais produzem e tensionam regimes contemporâneos de normalização corporal — encontra resposta precisamente na ambiguidade constitutiva dessas experiências. As influenciadoras analisadas participam simultaneamente da reprodução e do deslocamento das normas que regulam reconhecimento e visibilidade no ambiente digital. Por um lado, observa-se a incorporação de exigências relacionadas à produtividade, à adequação estética e ao controle emocional como condições de permanência visível nas plataformas.

Por outro, emergem, sobretudo em conteúdos de menor circulação ou em publicações mais espontâneas, experiências de fadiga, vulnerabilidade, desejo e crítica às estruturas excludentes que atravessam o cotidiano dessas mulheres.

O objetivo geral da pesquisa foi alcançado ao demonstrar que a normalidade corporal não constitui realidade fixa ou estável, mas campo permanente de disputa histórica.

As mulheres analisadas não aparecem apenas como vítimas passivas das dinâmicas algorítmicas nem como figuras plenamente emancipadas. Suas narrativas revelam negociações contínuas com as condições sociais, afetivas e visuais que regulam a inteligibilidade do corpo dissidente no presente.

Alguns limites da pesquisa precisam ser reconhecidos. O primeiro refere-se ao próprio corpus analisado. Embora composto por 26 perfis e *blogs*, o estudo privilegiou narrativas de mulheres com deficiência física que alcançaram algum grau de circulação pública nas plataformas digitais.

Permanecem menos visíveis experiências de mulheres que não obtêm reconhecimento algorítmico ou que optam por não expor suas vivências nas redes sociais.

O segundo limite relaciona-se à metodologia empregada.

Embora inspirada em perspectivas histórico-foucaultianas, a análise não realizou uma arqueologia discursiva em sentido estrito, o que demandaria delimitação mais ampla e exaustiva das formações discursivas em arquivos institucionais específicos.

Estudos futuros poderão complementar esta abordagem por meio de etnografias digitais de longa duração, análise de redes ou investigações comparativas entre plataformas.

O terceiro limite diz respeito à rápida transformação das dinâmicas digitais contemporâneas. O recorte temporal entre 2010 e 2025 permitiu observar mudanças importantes na plataformização da vida social, incluindo a transição da blogosfera textual para ecossistemas orientados por vídeos curtos e circulação algorítmica intensiva.

Entretanto, alterações recentes nas plataformas indicam que os processos analisados permanecem historicamente abertos e em contínua reconfiguração.

A categoria do corpo impossível abre diferentes possibilidades de investigação futura. Entre elas, destacam-se estudos voltados a outros grupos historicamente submetidos a regimes específicos de inteligibilidade corporal, como pessoas com deficiência intelectual, psicossocial ou doenças crônicas invisibilizadas.

Também se mostram relevantes investigações comparativas internacionais capazes de analisar como diferentes ecologias de plataformas, políticas públicas e contextos culturais reorganizam as relações entre deficiência, visibilidade e reconhecimento social.

Outra possibilidade consiste no acompanhamento longitudinal das mesmas influenciadoras ao longo do tempo, observando de que maneira envelhecimento, mudanças algorítmicas, transformações econômicas das plataformas e variações nas dinâmicas de patrocínio alteram as formas contemporâneas de negociação com a norma corporal.

O corpo impossível não constitui uma essência nem uma condição definitiva. Trata-se de uma categoria histórica produzida pelas tensões entre visibilidade, reconhecimento e normalização que atravessam as experiências contemporâneas da deficiência no ambiente digital.

As mulheres analisadas neste estudo — entre elas Jéssica Paula, Amanda Soares, Pequena Lô, Paola Antonini e Leandrinha Du Art — não aparecem como exemplos homogêneos de superação nem como sujeitos integralmente capturados pelas normas digitais. Suas narrativas produzem registros históricos das disputas contemporâneas em torno do corpo, da autonomia, do desejo e da legitimidade social.

Cabe à historiografia do tempo presente reconhecer essas materialidades digitais como documentos relevantes para a compreensão das formas contemporâneas de normalização corporal.

Mais do que resolver as contradições observadas, este artigo buscou evidenciar como elas estruturam os próprios regimes de visibilidade e reconhecimento que organizam a experiência social da deficiência no século XXI digital.

Declaração de contribuição dos autores

Autoria única.

Declaração de conflito de interesse

A autora declara que não há conflito de interesse.

Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa

- Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Declaração de uso de IA

- Não houve utilização de ferramentas de Inteligência Artificial.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. In: ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (org.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FASSIN, Didier. **A razão humanitária: uma história moral do tempo presente**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. **Extraordinary bodies: figuring physical disability in American culture and literature**. New York: Columbia University Press, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 223-244, 1984.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARDING, Sandra. **Whose science? Whose knowledge?: thinking from women's lives**. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

KAFER, Alison. **Feminist, queer, crip**. Bloomington: Indiana University Press, 2013.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MCRUER, Robert. **Crip theory: cultural signs of queerness and disability**. New York: New York University Press, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.